

ONDE DIZ NO ORTO DO ESPOSO

Ianaê de Oliveira (UFF)

ianaedo@gmail.com

Sebastião Josué Votre (UFF)

sebastianovotre@yahoo.com.br

1. Introdução

As línguas vivas possuem caráter dinâmico. Por meio de seus falantes são influenciadas cultural, geográfica, cronologicamente, como também nas ocasiões de uso, etc. Em paralelo, as línguas também estão sujeitas a mudanças, mas essas são percebidas apenas com o tempo.

Tendo em mente os estudos de mudança linguística, levantamos algumas questões relacionadas ao item *onde* na obra medieval portuguesa *Orto do Esposo*, visto que esse elemento se apresentava com nuances multifuncionais naquele período. Trabalhos como os de Bittencourt (2006) e Siqueira (2009) tratam da mudança linguística desse elemento.

Com o apuro da pesquisa, apostamos no *onde* como objeto de estudo para a minha dissertação de mestrado. Para ela, vão somar-se além do *Orto do Esposo*, outras obras de português arcaico em busca de recorrência, ou não, das multifunções do *onde*. Pesquisaremos também na *Bíblia Medieval Portuguesa*, no *Livro das Aves* e no livro de *Vita Christi*.

Para esse seminário, traremos uma seção da nossa pesquisa que diz respeito à expressão *onde diz*, muito utilizada no *Orto do Esposo* e encontrada também nas obras supracitadas, com exceção da *Bíblia Medieval*. Para iniciar essa investigação buscamos trabalhos em sites acadêmicos e citações em gramáticas que já tivessem tratado desses dois elementos conjuntamente, mas não encontramos ocorrências. Por hora, nos ajudamos Coutinho (1982, p. 265) e Said Ali (1964, p. 185). O primeiro faz referência a classificação adverbial e o segundo, quanto a capacidade adverbial e pronominal de *onde*.

Apresentaremos aqui uma reflexão sobre o grau de evidencialidade bem como sobre a retomada anafórica e a sequência catafórica produzida pela construção *onde diz*, fazendo uso de um conceito relativamente novo que vem crescendo em estudos internacionais. No Brasil já são encontrados alguns trabalhos, mas com focos diferentes.

2. *Suporte teórico*

O conceito de evidencialidade surgiu na conferência em Berkeley, 1981, na sequência, suas bases foram publicadas sob o título *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology* (Chafe & Nichols, 1986). Esses autores postulam que a evidencialidade diz respeito a origem do conhecimento asseverado. De lá pra cá o conceito permaneceu, mas abordagens diferentes foram se construindo.

Evidencialidade ou evidenciais nada têm a ver com evidências (AIKHENVALD, p. 03). O dicionário Aurélio (2006, p. 384) define evidência como qualidade do que é evidente ou incontestável; certeza manifesta. O Houaiss (2004, p. 321) afirma sobre a existência de algo; sinal; destaque, realce. No entanto, para a evidencialidade não interessa se a informação é verdadeira ou não, mas os argumentos utilizados para que se manifeste como tal.

As pesquisas nesta linha teórica se direcionam conforme a língua estudada, pois, segundo Lazard (2001, p. 360) todas as línguas têm meios de qualificar suas declarações de introdução de referências para a origem da informação, mas cada uma ao seu modo.

No português brasileiro, utilizamos o modo lexical para asseverar a origem da informação. Uso de verbos declarativos e perceptivos (CASTILHO, p. 358-365) resultam em evidenciais como: eu vi, disseram-me, dizem que, nós percebemos. As conjunções *segundo*, *conforme*, etc. *geram uma declaração em conformidade com o que disse outro emissor* (NEVES, 2000, p. 926).

Dall'aglio-Hattner (2001) produziu uma análise do discurso do ex-presidente Collor e acrescentou postulados que dizem respeito ao nível de compartilhamento da fonte, que pode ter origem no falante ou compartilhada e os parâmetros pragmático-discursivos, que di-

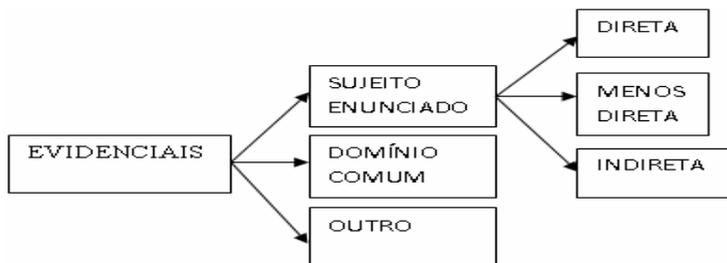
zem respeito ao alto, médio e baixo nível de comprometimento do falante com a proposição.

Posteriormente, Lucena (2008) produziu um estudo que trata do nível de envolvimento/comprometimento de políticos em seus discursos na Assembleia Legislativa do Ceará. Utilizou-se do nível epistemológico junto aos postulados de Willet (1988) e acrescentou o grau de envolvimento formado pelo tripé: experiência, inferência e relato.

A evidencialidade também pode ser gramaticalizada. Aikhenvald (2004), em pesquisa sobre línguas em contato na América do Sul, descobriu ao norte a língua Tariana, que se utiliza de sufixos a-trelados a verbos para definir se a informação teve origem no autor da proposição, se por inferência, se constatada, se tem origem em outrem, ou é de ordem não marcada. Em Tariana, a não ocorrência do sufixo resulta em uma expressão agramatical. Do mesmo modo, em outras línguas há ocorrência de clíticos, afixos, como morfemas para essa designação.

Casseb-Galvão (2004) pesquisou evidenciais em gramaticalização no PB. Seu objeto de estudo foi a expressão *diz que*. Segundo a autora, o uso dessa expressão incorreria em um reportativo de mito, processo que aconteceria quando o verbo se fixa na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e o sujeito não é preenchido.

Os trabalhos desses pesquisadores brasileiros têm como base os postulados de Willet (1988), que formulou o parâmetro semântico para análise da evidencialidade considerando a fonte da informação. Conforme o autor, a fonte da informação pode ter origem no sujeito-enunciador, no domínio comum, o próprio imaginário ou outro, através de um relato, como no esquema que se segue:



Ainda segundo Willet (1988), o sujeito-enunciador pode ter vivenciado sua afirmação de modo evidencial ou cognitivo, definida em três critérios: direto, quando realizada por meio pessoal relacionada aos sentidos; menos direta processada por meio de inferência na geração do conhecimento; ou indireta quando uma segunda ou terceira pessoa, um mito, lhe afirmam quanto a proposição. Quanto a esse critério, o sujeito-enunciador pode ou não destacar sua existência, pois não é necessário codificá-la.

Até aqui demonstramos um quadro geral dos estudos da evidencialidade no Brasil e no exterior. O que trazemos nessa pesquisa são complementações para essa linha a partir do corpus trabalhado.

3. *Método*

Após uma leitura flutuante no *Orto do Esposo* com foco no que me provocava curiosidade, meu orientador, Sebastião Votre, realizou um recorte que me centrou na pesquisa que agora desenvolvemos.

Na versão digitalizada da obra, utilizamo-nos da ferramenta *localizar* do *WORD*, que nos proporcionou eficiência na busca das ocorrências e na rapidez do processo.

Na etapa seguinte, selecionei os recortes em que atuava a expressão *onde diz*, atentando para o nível argumentativo e os contextos anafórico e catafórico em que se encontravam, utilizando o método KWIC (**K**ey **W**ord in **C**ontext), selecionando pelo menos uma oração anterior e uma posterior a expressão trabalhada.

4. *Corpus*

O corpus de análise é parte integrante dos três primeiros livros do *Orto do Esposo*, obra portuguesa anônima produzida entre os séculos XIV e XV, por um monge cisterciense no mosteiro de Alcobça, atendendo ao pedido de uma irmã para a sua produção.

O monge, com interesse no fortalecimento da fé católica, utiliza-se didaticamente de processos argumentativos baseados em e-

xemplos e autoridades para que aqueles cristãos compreendessem os desígnios de Deus através de Jesus e do Espírito Santo.

5. *Delineamento*

Para o português arcaico, há diferentes possibilidades morfológicas para o elemento *onde*, dentre elas *hu*, *ũ*, *u*, *ulo* (com suas variantes plural e feminina). Porém, para os três primeiros livros do *Orto do Esposo* foram encontrados *hu* e *onde*. Considerando apenas o elemento e não a expressão, o primeiro em maior número que o segundo. A expressão *hu diz* substituiu uma vez o *onde diz*.

Serão demonstrados casos de evidencialidade prototípica, com ocorrência da expressão *onde diz*. Ressalta-se que há variantes como: *onde ela mesma diz*, *onde conta*, *onde disse*, mas não estão sendo consideradas. Também são encontrados evidenciais da ordem de *segundo diz*, *de acordo com*, utilização de verbos perceptivos e de *exemplo*.

Para o quadro da retomada anafórica e a sequência catafórica não tivemos a mesma sorte, pois o maior volume de classificação das orações em anáfora e catáfora se enquadra nos casos ambíguos.

6. *Discussão dos resultados*

A complementação que traz o nosso estudo está na estratégia argumentativa de que o monge se utiliza para que o leitor creia no conteúdo informado. Esse efeito é identificado com clareza quando é colocado lado-a-lado com outras proposições. Iniciaremos com a apresentação do chamado “recorte-base” para a apresentação do grau de evidencialidade que se utiliza de fonte de informação indireta:

[...]. *Onde diz Salamō: Vãõ he todo homẽẽ que nõ he a sciencia de Deus.* [...] (Livro1, cap 0, fólho 80r)

Agora traremos outros recortes que destacarão a diferença:

(1) [...]. *Asi como o mel seera doce a renebrãça delle, convem a saber do nome que he Jhesu, que quer dizer saude. Onde diz Sam Lucas ãnos Autos dos Apostolos[...].* (Livro 1, cap 1, fólho 2v)

Para o recorte (1) temos a origem da informação indireta proveniente de São Lucas, como também o lugar em que está contida esta declaração. Esse mesmo formato é utilizado hoje na produção de trabalhos acadêmicos respeitados.

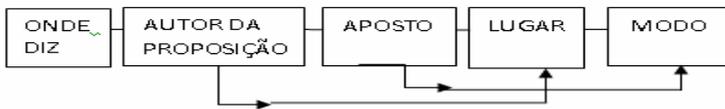
(2) [...] *ca ãna Sancta Scriptura acha o homẽ as hũũas da spiritual alegria e os figos da dulçura perdurauil e as spigas da madurez das boas obras e as nozes da paciencia. Onde diz Jhesu, filho de Syrac, falando em pessoa da sabedoria da Sancta Scriptura:[...]* (Livro 2 cap 7, fólho 10v).

Em (2) o monge utiliza a fonte de informação indireta, um aposto e o modo como foi recebida a informação “falando em pessoa”. O autor tem entendimento sobre a argumentação fraca sem fonte escrita, valorando-a com último argumento.

(3) [...] *E asy achou Sam Jheronimo ãna Sancta Escriptura a mira da mortificaçom da sua carnẽ e as outras uirtudes, que som muy preciosas especies, e husou dellas pella graça de Deus, onde diz Salomõno Cantar do Amor, falando pello Spiritu Sancto em pessoa do esposo Jhesu Christo aa esposa: [...]* (Livro 2 cap 4, fólho 8v)

No recorte (3), além da fonte indireta da informação, é denominado o lugar de onde a informação foi extraída, tal como em (1). A diferença está no fato de o monge se utilizar do Espírito Santo para fortalecer sua argumentação. Deve-se considerar que o livro é a produção de um monge católico para aqueles de sua mesma fé.

Esse quadro pode ser resumido assim:



A segunda análise diz respeito à estratégia argumentativa composta da retomada anafórica e a sequência catafórica produzida pela expressão *onde diz*. O monge trabalha seu texto construindo-o oração a oração, de modo que a informação anterior seja fundamental para a posterior formando uma costura com o mesmo núcleo:

(4) [...] *Outrossy, este nome Jhesu he muyto pera louuar, porque he grande, onde diz o propheta Malachias: O meu nome he grande ãnas gentes [...]* (Livro 1, cap 4, fólho 4v):

Para esse recorte, observa-se primeiramente uma anáfora produzida pela expressão *onde diz* voltando-se para a oração conclusiva. Na sequência do evidencial, há um período simples originado em catáfora, ligado direto a expressão *onde diz*.

(5) [...]. *A aruor da palma significa a uitoria da ressureycom dos mortos, ã que sera a morte uêçuda, assy como diz Sam Paulo: Absorui-da he a morte ã uitorya. Onde diz hũũ fillosafo, que chamam Plynio, que emna terra da parte do meodia ha hũa palma que, [...] (Livro 2 cap 6, fôlio 10r)*

Para o trecho (5) temos dois evidenciais. A expressão *onde diz* produz uma anáfora retomando tudo o que disse São Paulo. Do mesmo modo que (4), *onde diz* dá origem à catáfora em forma de oração sem sujeito ligada a primeira oração do trecho.

(6) [...]. *Assy como ho orto do parayso terreal he muy gracioso per razom dos cantares das aues que cantam ã elle muy docemente, bem assy ãno orto da Sancta Scriptura ha muy doces soo[n]s e cantares daues que a fazem muy delectosa, onde diz o propheta Ezechiel: As aues do ceo cantaro-. [...] (Livro 2 cap 11, fôlio 13r)*

Do mesmo modo, *onde diz* retoma o período composto e gera outra oração. Essa por sua vez, retoma os períodos anteriores ao evidencial. Os seis períodos do trecho formam um bloco argumentativo em torno da mesma informação, o cantar das aves.

Podemos resumir assim:



7. Conclusão e novas propostas

Na primeira parte, produzimos uma análise a partir dos *corpora* utilizados em que foram observados diferentes graus de evidencialidade para a fonte indireta de informação de Willet (1988). Propomos um acréscimo naquele esquema no que se refere a fonte indireta de informação, denominando-o de grau de evidencialidade indireta. Nesses *corpora*, utilizando-se de categorias de aposto, lugar e modo.

Para a segunda análise, mostramos empiricamente os movimentos anafóricos e catafóricos exercidos pela expressão *onde diz* no processo argumentativo realizado por esse autor anônimo. Nesses *corpora* especificamente, as retomadas são realizadas sobre todo o argumento anterior, saindo do universo de elementos simples para sentenças inteiras. Esses períodos são classificados em conclusivos, comparativos, explicativos, evidenciais, ou mesmo narrativos. O movimento anafórico foi encontrado na totalidade dos *corpora*.

As catáforas ficaram caracterizadas pelas assertivas. Casseb-Galvão (2010, p. 128) reconhece o valor catafórico realizado por evidenciais quando afirma que “[...] em sistemas evidenciais simples, operadores evidenciais podem atuar como elementos introdutores e definidores de um gênero textual narrativo específico”.

Propomos a utilização dessa estratégia argumentativa para livros didáticos. Acreditamos que esse modelo envolve o aluno no novo conceito antes mesmo de conhecê-lo, abrindo possibilidades para que o discente chegue ao aprendizado através de conclusões.

Por fim, acreditamos no estudo *onde* como fenômeno de mudança linguística anterior ao português arcaico. É relevante a compreensão da sua trajetória para o entendimento de outros elementos da língua. Fica o compromisso dessa pesquisa que terá fechamento parcial na minha dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A.Y. *Evidentiality*. New York: Oxford Linguistic Press, 2006.
- ANJOS, M; FERREIRA, M. B. (Org.). *Mini Aurélio*. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2006.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. Uma propriedade distintiva na gramaticalização de um operador evidencial reportativo: token de narrativa. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.

CASTILHO, A.T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S; FRANCO, F. M. M. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAZARD, G. On the grammaticalization of evidentiality. *Journal of Pragmatics*, 33, 2001, p. 359-367.

LUCENA, I. L. A expressão da evidencialidade: uma análise do discurso político. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 1, 2008.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

ORTO do esposo. Disponível em <<http://cipm.fcsh.unl.pt>>. Acesso em: 12-03-2010.

PIMENTEL, A. M. G. *O monge, a irmã e o Orto do Esposo*. Niterói: EdUFF, 2009.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.